

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

MOLLAT (Michel). — *Sociétés et Compagnies de commerce en Orient et dans l'Océan Indien* (Actes du Huitieme Colloque International de Histoire Maritime — Beyrouth, 5-10 de Septembre 1966, présentés par Michel Mollat). Publicação da École Pratique des Hautes Études (VIe Section). Centre de Recherches Historiques. Coleção "Bibliothèque Générale". S.E.V.P.E.N. Paris. 1970. 731 pp.

Sociétés et compagnies de commerce en Orient et dans l'Océan Indien foi o tema do VIII Colóquio Internacional de História Marítima, realizado em Beirute de 5 a 10 de setembro de 1966, do qual participamos e demos uma nota na *Revista de História* (nº 68, vol. XXXIII, pp. 467-479). Nesse Colóquio procurou-se por em evidência os aspectos de que se revestiram os contactos entre o Oriente e o Ocidente durante todo o transcurso da História. Às navegações antigas ao longo do litoral sírio-libanês sucederam-se as empresas das cidades mediterrâneas, na época em que o Islão dominava o Oceano Índico.

Depois, as grandes Companhias asseguraram o comércio ocidental no Oceano Índico onde deixaram profundas marcas, até que a navegação a vapor veio modificar os aspectos do tráfico marítimo.

E.S.P.

* *
*

MAGALHÃES FILHO (Francisco de B.). — *História econômica*. São Paulo. Sugestões Literárias. 1970. 472 págs.

O autor, professor de História Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade do Paraná, sentindo a falta de literatura didática, em português, para a sua matéria, houve por bem elaborar o presente volume, com base no material utilizado em suas aulas. "A matéria, explica o autor, está ordenada na mesma seqüência em que é apresentada aos alunos, e grande parte do texto baseia-se em apostilas e notas utilizadas em apoio ou preparação das aulas". O grande problema encontrado por quem leciona história econômica, pondera o professor paranaense, "está em que os alunos principiam as aulas com conhecimentos próprios muito limitados, tanto em História quanto em Economia. A fraqueza do conhecimento histórico deve ser atribuída aos cursos médios, enquanto as limitações referentes à pouca familiaridade com o instrumental econômico decorre da localização da matéria no segundo ano do currículo". O fato de ter o autor tratado tanto da História

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editôres a remessa de suas publicações para a competente crítica bibliográfica (*Nota da Redação*).

Geral, como da do Brasil, explica o caráter apressado com que alguns tópicos foram abordados. Sugestões de leitura, resumos e indicações bibliográficas complementam a natureza didática de seu livro.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

CHAUNU (Pierre). — *Place et rôle du Brésil dans les systèmes de communications et dans les mécanismes de croissance de l'économie du XVIe siècle*, in "Revue d'histoire économique et sociale", XLVIII, 4, 1970.

Arrisca *une pesée globale*, uma apreciação geral da importância do Brasil quincentista para a economia européia. Ele vê o Brasil situado na interseção de dois sistemas de comunicações, o da costa africana e o das Antilhas, e integrado dentro um círculo econômico — o primeiro de três — da pouca distância, da capacidade transportadora de 70 à 80% e de cargas de peso médio. E nota a semelhança com as Antilhas. No conjunto das viagens coloniais êle atribui ao Brasil uma quinta parte quanto ao número de viagens mas somente uma pequena décima parte quanto à tonelagem. Cota aproximativa de 12% caberia ao Brasil no que toca ao cabedal humano. Finalmente para o valor da contribuição das riquezas de pau-brasil e açúcar a economia européia êle calcula um 10%. Se o Brasil representa então dentro das injeções coloniais no crescimento da economia somente um 10% — bem modesto, mas com grande potencialidade —, no conjunto das riquezas européias esta cota se reduz à 0,1%. Se a avaliação é discutível — parece-me sobretudo subestimar a contribuição pelo contrabando —, êste tipo de breve síntese tem a vantagem de suscitar objeções e estimular a pesquisa.

EDDY STOLS

* *
*

SEVERIM (Frei Cristovão). — *História dos Animais e Árvores do Maranhão*.

Recentemente foi publicada em facsimile a obra do naturalista Frei Cristovão Severim, "História dos Animais e Árvores do Maranhão. V. WILLEKE redigiu sua biografia em *Cristoph Severim von Lissabon (+ 1652) und sein Hauptwerk*, no *Archivum Franciscanum Historicum*, Firenze, LXIII, 1970, 352-376. Segue no mesmo artigo uma bibliografia e uma descrição da obra com em anexo interessante carta, na qual frei Cristovão expõe ao rei a situação precária do Pará e do Maranhão.

EDDY STOLS

* *
*

JADIN (L.). — *Andrea de Pavia au Congo, à Lisbonne et à Madère, Journal d'un missionnaire capucin, 1685-1702.*

Um capuchinho italiano na Bahia. L. JADIN publica em *Andrea da Pavia au Congo, à Lisbonne et à Madère, Journal d'un missionnaire capucin, 1685-1702*, no *Bulletin de l'Institut Historique Belge de Rome*, XLI, 1970, 375-592; o manuscrito inédito nº 3165 da Biblioteca Nacional de Madrid. Contém o diário de um missionário italiano na África, que esteve na viagem de ida em Salvador em 1687 e outra vez na volta em 1697. Ele dá os nomes dos capitães, que o levaram, insiste na boa recepção da parte dos moradores da Bahia e dá uma descrição pouco original do país, especialmente do perigo das formigas, de certos animais e dos engenhos (p. 423-425 e 484-493). Uma carta anexa do mesmo fala da possibilidade dos missionários da África comprarem doravante seu pão e vinho na Bahia. Na introdução L. Jadin apresenta a biografia deste padre, que aliás voltou posteriormente à Bahia de 1705 à 1709, e de outros capuchinhos italianos no Brasil.

EDDY STOLS

* *
*

ELIAS (Maria José). — *O Caderno de Assentos do Coronel Francisco Xavier da Aguiar*. Separata dos "Anais do Museu Paulista", tomo XX, pp. 179-352. São Paulo, 1966 (1968).

O manuscrito original pertenceu a Martim Francisco III que o doou ao Museu Paulista, onde se encontra depositado na Secção de Obras Raras.

O Cel. Aguiar foi morador da vila de Santos, onde desempenhou importantes cargos, inclusive o de capitão-mor entre 1797 e 1811. Segundo Alberto Sousa foi escolhido para esta função em virtude de

"ser casado e bem estabelecido em bens nesta vila e ter servido com boa aceitação o posto de Capitão de Auxiliares e ser de boa conduta e capacidade para poder ser empregado no cargo em que nomearam".

Pela soma dos serviços prestados à Côroa seria, mais tarde, agraciado com o hábito da Ordem de Cristo. E' autor de uma curiosa *Memória que mostra a origem da vila de Santos e seu estado presente*.

Sob o título de *Cadernos de assentos particulares para m.^a lembranças* o Cel. Costa Aguiar documentou um rol de despesas, registros êsses entremeados com outras anotações referentes a situações familiares, prejuízos com caixeiros, mortes de escravos, mercadorias avariadas, mesadas enviadas ao filho estudante em Coimbra, empréstimos concedidos, etc., que se refere ao período compreendido entre 1784 e 1821.

A divulgadora do documento, que não contém índice, dividiu-o em quatro grupos de dados:

I. — Assuntos familiares: casamentos, nascimentos, mortes e batizados.

II. — Despesas gerais: compras, manutenção da família, despesas com escravos, gastos com viagens.

III. — Prejuízos em geral.

IV. — Registro anual das despesas de 1784 a 1820.

Por uma série de razões a divulgação do documento torna-se deveras importante para a história econômica dos costumes, bem como oferece excelentes fundamentos para estudos de natureza lingüística. Ali tem-se dados sobre a evolução dos preços, descrição das mercadorias compradas e vendidas, numerário movimentado, etc. As condições de vida da família de um comerciante em Santos em fins do século XVIII e começo do XIX ali podem ser entrevistadas. Preciosos elementos de sintaxe, o documento oferta ao filólogo e ao lingüista preciosos exemplos de sintaxe, morfologia e lexicologia, retrato fiel da realidade lingüística de uma época.

Numerosas e judiciosas notas de rodapé completam o trabalho, ora identificando personagens, ora esclarecendo situações, ora explicando vocábulos. Um índice onomástico encerra o volume.

ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES

* *
*

OLIVEIRA (Almir de). — *As duas inconfidências*. Juiz de Fora. Edições Caminho Novo. 1970. 120 págs.

Elaborado com o objetivo de refutar a obra de Afonso Ruy intitulada *A primeira revolução social brasileira*, publicada em 1942 na coleção "Brasíliana", da Companhia Editôra Nacional, especialmente nos tópicos em que o autor baiano procura comparar as duas inconfidências (e neste caso menosprezando a mineira em favor da baiana), êste novo livro do ilustre historiador e jurista de Juiz de Fora representa uma valiosa contribuição à apreciação de certos ângulos do movimento mineiro de 1792, notadamente no que respeita a determinados aspectos sociais de sua estrutura. O autor repele a idéia, levantada pelo sr. A. Ruy, de ter sido a inconfidência mineira apenas um movimento de elite ou de intelectuais. Para tanto, respigou nos *Autos de devassa* (inegavelmente a fonte mais preciosa para o estudo do assunto) o que lhe pareceu suficiente para contradizer o autor baiano. E' evidente que o sr. Almir de Oliveira não nega valor ao movimento dos alfaiates. Apenas procurou colocá-lo no devido lugar, eliminando *quae sera tamen* o que lhe parece uma injustiça dos historiadores com relação ao movimento de Vila Rica. Sim, ainda que tarde, pois a resposta de Almir de Oliveira demorou quase trinta anos... Circunstâncias várias retardaram a publicação de seu livro, pois as pesquisas iniciais datam de 1946, ou seja pouco depois do aparecimento do volume da "Brasíliana". Apenas é de lamentar-se que, publicado por uma editôra local, provavelmente *As duas inconfidências* não tenha a divulgação que merece.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
* .

HOLLANDA, (Sérgio Buarque de). — (Coleção Sérgio Buarque de Hollanda). *História do Brasil 1. Das origens à Independência. Curso moderno*. Formato 19 x 28. Cartonado plastificado. Companhia Editôra Nacional. São Paulo, 1971, 155 páginas, 261 Ilustrações e fotografias, 53 Interpretações de texto.

Nunca a expressão “chegou o livro que faltava em nossa estante”, foi tão fielmente empregada.

O Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, assessorado pelos professores da Universidade de São Paulo: Carla de Queiroz, Sylvia Barbosa Ferraz, Virgílio Noya Pinto e Laima Mesgravis, entregou ao grande público uma magnífica obra didática para a 1a. série ginasial, abordando das origens à Independência.

A obra é dividida em oito partes:

- I. — Na *Introdução* é dada ao estudante uma iniciação à História — Documentos e datas, explicando “o que é história” e “porque a estudamos”, altamente ilustradas com Rugendas, Bleau, Debret e fotos atuais, despertando desde cedo o interesse pelo espírito do que é clássico e estrutural. Terminando com excelente vocabulário.
- II. — *A era dos descobrimentos* é enfocada por documentos do livro de Marco Polo, carta de Caminha, Relato do Piloto Anônimo. Dá ótima visão sobre a Idade Moderna na Europa e finda como a Geografia ajuda a explicar a História e uma Tabela cronológica.
- III. — *A Exploração e Posse da Terra*, mostra de forma clara as 8 décadas primeiras de nossa história, também documentado pela carta de doação da capitania de São Vicente. Dá visão panorâmica de nossa organização política, religiosa e econômica dos primeiros tempos, documentada por textos do padre Manoel da Nóbrega aos padres Mestre Simão e Miguel de Tórres e ainda Jean de Léry e reprodução de debuxo do padre André Thevet.
- IV. — *A formação territorial brasileira*, estudo de 12 décadas, é mostrado o período de 1580-1700 com o Brasil antes e depois da Restauração de Portugal (D. Sebastião a D. João IV).

Período de profundas modificações, especialmente na Administração da Terra, que é vista através de documental de viagem de Francisco Pyrard de Laval, Atos da Câmara de Salvador, Bahia.

Sob a rúbrica de “defesa da terra” vemos as *incursões* de corsários ingleses, documentada sob a luz da carta de Thomas Cavandish. Não foram esquecidos os franceses e os holandeses.

A cultura e opulência do Brasil, de Antonil e o Capítulo X de Frei Vicente do Salvador ilustram a expansão colonizadora do Nordeste e Norte.

O Capítulo XXXVI da História do Brasil do Frei Vicente do Salvador, a conquista do Centro e Sul do Brasil.

O Prof Sérgio Buarque de Holanda denuncia a revolta de Beckman no Maranhão e o quilombo dos Palmares como os primeiros conflitos internos na colônia provocados por problemas com mão-de-obra, escravos e jesuítas, aponta como documento o Sermão da Epifânia do Padre Antônio Vieira.

No desenvolvimento do Brasil temos o Brasil holandês e o português, visualizado no Capítulo XL de Frei Vicente, dando grande enfoque à cana-de-açúcar. Finda o capítulo com resumo, vocabulário, o que devemos ao negro, o panorama cultural europeu, as manifestações artísticas no Brasil, as quais são cantadas por Gregório de Matos Guerra e Manoel Botelho de Oliveira.

Relaciona a Geografia com a História e publica a tabela cronológica correspondente ao período.

- V. — *A era do ouro do Brasil*. O professor Sérgio Buarque de Holanda teve um cuidado acurado em transmitir cultura, assim, inicia o capítulo com a reprodução da *Bresil cy devant terre de Saint-Croix*, iluminado pelo texto de *Antonil*, 3a. parte, capítulo V.

Fala do desenvolvimento das capitania, em especial das do Sul, das Monções (do qual é mestre e incomparável) das do Norte e Nordeste.

Ampla visão é dada da Administração da colônia na primeira metade do século XVIII, ressaltada por documentação de Taunay in *História da Cidade de São Paulo*.

No sub-título “crescentes conflitos na colônia” é ilustrado pela “Petição de 7 de abril de 1700” fala-nos dos “emboabas”, “mascates”, “Filipe dos Santos”.

Define as fronteiras do Brasil relacionando com fatos da história européia, cuidando com carinho dos tratados de Utrecht, Madri e Santo Ildefonso.

As reformas pombalinas são enfocadas de forma clara e inteligente: Administração da Colônia, o Comércio, o Ensino, a Economia e o transporte. Dá ainda um resumo, um vocabulário, panorama cultural europeu influenciando as manifestações artísticas no Brasil. Fi-

naliza mostrando a forma pela qual a Geografia ajuda a explicar a História, contando com textos de Aroldo de Azevedo e importante tabela cronológica do século XVIII.

- VI. — *A Era das Revoluções*. O Prof. Sérgio dá enfoque muito especial, assim dividindo: *As revoluções nativistas*, onde trata das Inconfidências Mineira e Baiana. Sob a luz documental da Declaração de Independência dos Estados Unidos, carta do Visconde de Barbacena e o manifesto pregado nas casas de Salvador.

A vinda da Família Real é iluminada por texto da Gazeta de Lisboa de 4-12-1807 e a carta de Lord Strangford de 27-11-1807.

Na Administração Joanina é visualizada a abertura dos portos e imigração através da carta régia de D. João ao conde da Ponte e declaração de guerra à França e invasão de Caiena a qual só foi desenvolvida em 1817.

A *Gazeta do Rio de Janeiro* anuncia a chegada da Missão Artística Francesa de Le Breton.

Dentre as transformações do Brasil sob D. João, a equipe denuncia a conquista da Cisplatina, e a Revolução Pernambucana, que foi um dos primeiros passos para a nossa independência, é vista sob as luzes de um "Manifesto Revolucionário".

A economia brasileira do século XIX é ricamente mostrada através de Koster, Rugendas, Debret, Carlos Julião e texto de Silva Áreas e trecho da *Gazeta de Lisboa*.

Encontramos ainda a Revolução do Pôrto, volta da Família Real, um resumo, vocabulário e o que herdamos dos portugueses, iluminado por Mário de Andrade.

Finaliza o Capítulo com panorama cultural europeu e os reflexos dele nas manifestações artísticas no Brasil.

Merecem destaque dois textos de Hipólito da costa, a Geografia ajudando a explicar a História e uma tabela cronológica.

- VII. — *A Independência*. E' dado à Independência um tratamento especial através de textos a partir do aviso de 28-8-1821, observando de momento as medidas de recolonização do Brasil por parte das Côrtes portuguesas e os reflexos e reações ocorridas no Brasil até 7 de setembro de 1822.

A Independência, as guerras ocasionadas por ela, as dificuldades do reconhecimento, um resumo, vocabulário e tabela cronológica comparando as Histórias do Brasil e a Geral.

- VIII. — Fecha a obra com a vida no Brasil colônia e a interpretação dos 53 textos, distribuídos na obra.

Estão de parabens os estudantes que forem guiados por esta obra e pelo "caderno de trabalhos práticos" que a acompanha, bem como os

professôres, que serão orientados pelo “livro do professor”, no seu manuseio.

A leitura da obra é um prazer, embora travemos conhecimento com um outro Prof. Sérgio, diferente das “monções” ou “razões do Brasil”, de linguajar fácil, sem ser chão, carinhoso, sem entretanto, abandonar sua honestidade de historiados inflexível.

JOSUÉ CALLANDER DOS REIS

* *

*

RICE (C. Duncan). — *Humanity sold for Sugar. The British Abolitionist Response to Free Trade in Slave-Grown Sugar.*

O açúcar brasileiro e a campanha abolicionista inglesa. Foi Eric Williams, quem viu o movimento abolicionista na Inglaterra da primeira parte do século XIX, inspirado menos nos sentimentos humanitários do que nos interesses econômicos de uma classe média industrial adepta do liberalismo comercial e contrária aos plantadores monopolistas das Antilhas Inglesas. Esta tese é parcialmente contestada por C. DUNCAN RICE em “*Humanity sold for Sugar*”, *The British Abolitionist Response to Free Trade in Slave-Grown Sugar*, no *The Historical Journal*, Cambridge, XIII, 3, 1970, 402-418, que examina a atitude dos abolicionistas frente às propostas da década de 1840 para diminuir os direitos sobre importação de açúcar do Brasil e de Cuba. Uma minoria argumentava que pelo comércio livre poderia-se convencer os brasileiros da imoralidade da escravidão. Pelo contrário os mais convencidos abolicionistas opunham qualquer diminuição porque a maior venda de açúcares brasileiros acentuaria a exploração do negro e preferiam preços mais caros e consumo menor. Assim, por causa de seus princípios morais chegavam a preferir por volta de 1843 o monopólio açucareiro de seus inimigos anteriores, os plantadores da Jamaica. Este artigo é de importância primordial para a história das relações entre o Brasil e a Inglaterra.

EDDY STOLS